

Pronto. Agora, ninguém mais precisa ser canalha. É esta a sensação de quem, triste por terminar, vira a última página de **ELOGIO DA SERENIDADE e outros escritos morais** (Editora Unesp, 2000), a última e talvez mais biodegradável garrafa com mensagem lançada ao mar pelo Professor, Jurista e Filósofo italiano Norberto Bobbio, interessado nas ondas.



De cara, em longa, macia e conclusiva reflexão sobre a *Serenidade*, o então nonagenário mestre mete uma bola direto do meio de campo ao gol, fazendo desenovelar-se no ar uma redonda sucessão de efeitos que, protagonizada por **temperança, sobriedade, sinceridade, idealismo, honestidade, simplicidade, compromisso, boa-fé e força moral**, pode até não ser franca com o goleiro, mas é incomum o suficiente para despertar na galera que **o princípio da regra moral** (e da vida, depreende-se!) **é o respeito pela pessoa**. Era um humanista, coitado, e, como tal, um usuário da razão como arma anti-obscurantista, que a sua porção-jurista utilizava para iluminar as relações entre Direito e Poder. Em *A Era dos Direitos* (Editora Campos, 1992), já havia dito que *a natureza da Democracia era o direito, fundamentado na regra; em Do Poder ao Direito e vice-versa* (em *Bobbio no Brasil - um retrato intelectual*, org. por Carlos H. Cardim, Editora UNB, 2001), que *“o poder sem direito é cego, mas o direito sem poder é vazio”*. Neste, em apelo por **tolerância** (“respeito pela consciência alheia”), **pluralismo, ética** (única prisão de segurança máxima capaz de conter a fera, justamente por ser feita de conceitos e princípios que o próprio preso não aceita atacar), **democracia** (expansão da sociedade para dentro de si mesma: bens, direitos, deveres, educação, observância das normas... inclusão!), **cidadania** (exercício da dignidade, do direito e dos deveres) e **serenidade** (“não-avidez pelo poder”), o emérito pensador espeta com dorido lirismo: **“o violento retira dos que violenta o poder de doar”**.

Sobre ética na política, foi sucinto: na oposição, todos têm princípio; no poder, todos querem resultado. Sobre fé, inclusive na revolução, assombrou com o arrepiante oitavo ensaio **“os deuses que fracassaram - algumas questões sobre o problema do mal”**, não recomendável aos que crêem.

Sim, trata-se de uma obra contra a violência, a arrogância, a submissão e a prepotência. Civilizadora, portanto. Duzentos e oito páginas de rigor, conceito e nenhum sotaque acadêmico estão ao chão à espera de quem as bique. Astutas como a raposa (coitada da raposa!) e de boa-fé como as pombas, passeiam por grandes temas e clássicos do ocidente, oferecendo ponte. Como se fossem de um Kant (agir por dever; visar mais à moralidade do que à legalidade; coincidir éticas pública e privada; exigir mais do próprio caráter do que do dos outros...) suspiram para que o leitor incorpore valores que os habilite a viver de forma menos condenável. Sim, se o leitor lhes sublinhasse cada argumento com lápis de cor, no final bom número dessas páginas não só estariam pintadas como, movidas por sua própria força, saltariam à sua cabeça, monumentando-a. Quarenta anos de magistério na área de Direito e Filosofia as tornaram um legítimo *antimaquiavel* e, embora deixem claro que *“aos serenos não será dado o reino da terra”*, lembram que traços próprios ao poder (**agressividade, astúcia, ousadia, carreirismo, oportunismo, dinheirismo ...**) com o tempo se perdem. Ao contrário, salientam, virtudes que levam à *serenidade* (**temperança, moderação, boa-fé, altruísmo, escrupulo...**) com o tempo se ganham.

Que Deus o tenha!

Uma resenha italiana sobre este livro patenteou-se com o singelo título: **Arrogantes e prepotentes, a serenidade os sepultará**

